

A TRAJETÓRIA DO E NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNESP DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP

Edima Aranha **SILVA***

Ao refletir sobre a trajetória do curso de Pós-graduação em Geografia da UNESP – Presidente Prudente-SP, ao longo de duas décadas (1988-2008) torna-se uma tarefa infactível não rememorar também, minha própria caminhada nesse período.

A decisão em fazer uma Pós-graduação Strito Sensu em Geografia foi motivada pela imperiosa necessidade de qualificação profissional para e na carreira acadêmica. Mas se de um lado, a decisão era impreterível, por outro, os liames familiar me tolhiam que ausentasse de casa, por menor que fosse o tempo.

Todavia, me inteirei sobre a implantação do curso de Mestrado em Geografia na UNESP de Presidente Prudente-SP. Conteí com o apoio do professor e amigo Ruy Moreira-UFF, que falou acerca do curso e gentilmente orientou-me sobre os trâmites e exigência para o ingresso, e, reportou-se sobre alguns nomes de professores, que de certa forma eram referências e expoentes na Geografia daquele campus e porque não dizer na Geografia brasileira..

A inscrição foi deferida e em fevereiro de 1988 me submeti ao processo de seleção, cujos instrumentos de avaliação constaram da prova de conhecimentos específicos, proficiência em língua estrangeira – fiz a prova de francês – ambas de caráter eliminatório e por fim, a análise do currículo e entrevista.

Recordo-me que a banca examinadora formada pelos professores José Ferrari, Olympio Beleza Martins e Hideo Sudo inquiriu-me sobre a pretensão e possibilidade de fazer o curso, posto que, não havia ainda, concessão de bolsa para os mestrandos.

Obtive êxito e ocupei uma das 15 (quinze) vagas destinadas à formação da primeira turma do Mestrado em Geografia da UNESP de Presidente Prudente.

Foi árdua e difícil a trajetória que se percorreu, por motivos diversos; uns intrínsecos às limitações de cada um, e outros, inerentes à estrutura do curso. Era restrito o rol de disciplinas ofertadas e professores aptos da casa, como Olympio Beleza Martins – meu querido e saudoso orientador -, Messias Modesto dos Passos, Marcos Alegre, Diores Santos Abreu – sua aula me encantava -, Hideo Sudo, José Martin Soares – popular Pepe -, Alvanir de Figueiredo, Jayro Gonçalves Melo e outros. A estes, somaram-se os ilustres professores convidados, como o saudoso Armando Correia da Silva/USP, Armen Mamigonian/USP, Ariovaldo Umbelino da Silva/USP, dentre outros.

Como a maioria dos alunos residia em outro município ou estado e as aulas se concentravam principalmente nas sextas-feiras e nos sábados os deslocamentos até Presidente Prudente se davam sempre na quarta ou quinta-feira e o retorno no sábado à noite, mas muitos permaneciam mais tempo para agilizar as pesquisas e falar com professores.

A disponibilidade de laboratórios era restrita, não havia sala de estudos e muito menos micros e internet, e, o acervo para pesquisa se restringia ao da biblioteca central, mas havia empréstimo de um ou outro livro por parte dos professores mais solidários.

O ambiente era de cumplicidade e muita amizade entre todos, posto que o grupo era pequeno e necessitava se fortalecer. Além das reuniões formais e relacionadas ao curso, também se promoviam diversos encontros livres e descontraídos em algum restaurante ou bar, mas muitas vezes aconteciam na casa do Messias. Foram momentos memoráveis e de amizade e que superaram as vicissitudes.

* Professora Adjunto DCH/UFMS – Campus de Três Lagoas. earanha@ceul.ufms.br.

Apesar dos fatores limitantes, a trajetória foi dinâmica e marcante. O coordenador do curso, o austero e inflexível professor José Ferrari não fazia concessões a quem quer que fosse. Assim dizia ele: “Isso aqui é sério e tem regulamento e deve ser seguido”. A secretária Ana Hartman era quem ponderava e fazia a intermediação quando se tinha algum problema para sanar ou pedido a fazer. Depois reconheci a importância da sua inflexibilidade para o bom andamento do curso. Era necessário naquele momento.

O esforço despendido pela Direção do campus, a postura ética e profissional do então coordenador e dos que o sucederam – Eliseu Savério Sposito, Messias Modesto dos Passos, Maria Encarnação Beltrão Sposito e dos demais; a competência e compromisso do corpo docente, além do esmero da Secretária Ana foram imprescindíveis para a consolidação do curso. Parafraseando Victor Hugo “Não há nada como um sonho/projeto para criar o futuro!”

As atividades consistiam em aulas, colóquios, seminários, viagens de estudo, palestras com professores convidados e a presença sempre marcante de ilustres professores para proferirem a aula inaugural, como Milton Santos e Paul Singer, por exemplo.

Não obstante, em decorrência da maioria dos alunos não se afastar do trabalho para fazer o curso, o tempo médio para conclusão do Mestrado era de 4 anos. Essa variável certamente refletiu negativamente nas avaliações realizadas pela CAPES. Cabe aqui reconhecer a “mea culpa”. Mas as variáveis positivas certamente garantiram o bom desempenho do curso.

Vislumbrou-se a consolidação do curso, na medida em que os professores e alunos apresentavam e publicavam os resultados de suas pesquisas em eventos e periódicos diversos, assim como pela organização e edição de periódicos do próprio programa, como a Revista Formação e de livros de suas autorias. O ambiente ganhou ares de centro de pesquisa, e, a produção científica foi imprescindível para obtenção dos resultados satisfatórios nas avaliações realizadas pela CAPES, no decorrer dos anos.

Em 1999 retornei à UNESP para fazer o Doutorado, agora como professora do quadro regular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no campus de Três Lagoas e com bolsa institucional, e me surpreendi. O processo de seleção foi bastante acirrado, pois se no Mestrado em 1988, os candidatos eram oriundos de estados vizinhos e de municípios do interior paulista, mais próximos, dessa vez, tanto para o Mestrado como para o Doutorado, se inscreveram pessoas de estados das regiões Norte, Nordeste e Sul, bem como de outros países latino-americanos e da Europa.

O fato dessa predileção pela Pós-graduação da UNESP de Presidente Prudente decorreu da visibilidade e notoriedade que o curso ganhou no e fora do país.

Essa deferência pelo curso advém, de um lado, do reconhecimento pelos pares, instituições e órgãos de fomento em âmbito nacional, da competência e maturidade intelectual dos professores e pesquisadores cujos pressupostos teórico-metodológicos engendram paradigmas da Geografia brasileira; e por outro lado, do intercâmbio com centros de excelência de ensino e pesquisa do exterior, principalmente da Espanha e França, mas também com Universidades da Argentina, Chile, México, etc.

Em 1988 era desconfortável mencionar que fazia Mestrado em Geografia na UNESP de Presidente Prudente-SP, pois via descaso estampado no rosto das pessoas e ouvia-se frase do tipo: “Têm pessoas que atravessam o rio e dizem que fazem Mestrado. Mestrado com qualidade só nos grandes centros [...]”. No entanto, em 1999, ano em que ingressei no Doutorado, a CAPES atribuiu conceito 5 ao Programa, o que lhe garantiu classificação superior a outros cursos com tradição e já consolidados há muito mais tempo e sediados em grandes centros.

Atualmente (2008) seu quadro de docentes é formado por 20 professores permanentes; há 4 Linhas de Pesquisas e 2 Eixos Transversais, 10 Grupos de Estudos e Laboratórios e o Conceito CAPES é 6.

Hoje, tem-se a certeza fundada essencialmente na perspectiva de que a consolidação do Programa é que garante sua primazia.

Por fim, citando Fernando Pessoa:

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes”.